

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DIÁLOGOS COM SIMONE DE BEAUVOIR

LAUDICÉIA LEITE TATAGIBA (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE).

Resumo

A condição feminina ao longo da história da humanidade pode ser analisada por vários aspectos, no que concerne à sua condição psicológica, biológica, social. Porém, os aspectos sociológicos neste período foram os que mais se evidenciaram como marca importante da forma como esta se mostra e mostrou ou se alienou nos contextos em que viveu. O presente trabalho tem como proposta delinear algumas considerações sobre como se desenvolve e se apresenta a construção da identidade na literatura para crianças e jovens, traçando paralelos com a perspectiva social em relação ao feminino, tomando como corpus de análise a obra portuguesa "Os Olhos de Ana Marta", de Alice Vieira, com publicação brasileira pela SM Editora e o texto de Lygia Bojunga, "Sapato de Salto", publicado pela Casa Lygia Bojunga. Para tal, lançamos mão também de algumas concepções teóricas que abordam a condição feminina ao longo dos séculos e suas funções sociais, sendo a principal fonte a obra de Simone de Beauvoir, "O Segundo Sexo". Traçamos algumas considerações relevantes a fim de que se possa identificar na Literatura Infanto-Juvenil citada os elementos elencados por Beauvoir que evidenciem a condição da mulher na sociedade, elaborando-se análises sincrônicas e diacrônicas. Para uma análise diacrônica, além das obras já citadas, tomamos como base de estudo a obra de Rachel Soihet, "Condição Feminina e Formas de Violência", onde a autora aborda a condição das mulheres dos segmentos populares do Rio de Janeiro entre 1890 e 1920.

Palavras-chave:

Identidade, Feminino, Sociedade.

Analisar a obra ficcional para crianças sob a perspectiva de gênero apresenta-se como uma difícil mas extremamente relevante tarefa, na medida em que possa nos evidenciar de que formas o leitor feminino se caracteriza com as personagens femininas dessas obras e vice-versa.

Nossa proposta, enfim, não é a de encerrar aqui as formas de apresentação e identificação femininas neste segmento editorial, mas fomentar a reflexão acerca dos modelos a que são e foram submetidas as mulheres ao longo da história, usando para isso a obra de Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo, dentre outras, e de que forma eles se evidenciam nas obras para crianças.

Identidade e Identificação: dois conceitos em um

“Identidade é a qualidade de ser o mesmo, de igualdade.(...) Identificação seria o ato de igualar duas coisas para que unidas formassem somente uma.” (MENDONÇA, 1984)

É a partir do conceito de MENDONÇA (1984) que podemos iniciar algumas considerações acerca daquilo que nos forma e constitui, que nos iguala ao mesmo tempo

em que nos diferencia, que nos pluraliza e singulariza, a identidade. Identificar-se se coloca então como uma necessidade de pertencer enquanto se iguala e de se separar enquanto se diferencia dos demais, tendo nesses sua base primordial de significação pois, como colocavam os filósofos existencialistas franceses, o sujeito se reconhece, sobretudo, por intermédio da presença do outro, configurada pelo olhar.

Já para FREUD (1915), o aparelho mental existe para fazer face a necessidades internas do ser decorrentes do imperativo de sobrevivência, num meio externo em constante mudança, o que se associa ao conceito de MENDONÇA na participação do meio externo na constituição da identidade individual e coletiva, chegando-se ao conceito de BAUMAN (2002):

“A identidade tornou-se um prisma através do qual os outros aspectos da vida contemporânea são compreendidos e examinados. Assim, o debate sobre a justiça e a igualdade tende a ser conduzido em termos de reconhecimento de identidade; falamos de cultura em termos de identidades diferentes com seu hibridismo e creolização - enquanto o processo político é ainda e mais freqüentemente teorizado em torno dos problemas dos direitos do homem (o direito a uma identidade separada) e das políticas de vida (a construção, a negociação e a afirmação da identidade).” (BAUMAN, 2002: 55)

Encerrando, assim, a idéia de que a construção da identidade perpassa os mecanismos mentais individuais mas necessita dos eventos culturais sociais para que se fundamente e se legitime apresentando-se como um processo intrínseco.

No entanto, temos *identificação* como um processo extrínseco, que parte de um modelo, segundo LAPLANCHE & PONTALIS (1976), onde um indivíduo assume as características de outro e se transforma total ou parcialmente segundo o modelo desta. Identificar-se torna-se, então, assumir-se parte integrante de um determinado grupo com o qual o indivíduo se assemelha.

Identidade sexual feminina: fator sócio-biológico?

“NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*.” (BEAUVOIR, 1967: 8)

A partir da fala de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo: a experiência vivida*, entendemos que a questão da identidade feminina tem muito mais a ver com o conceito de *identificação* do que propriamente com o de *identidade*, na medida em que se pode identificar com a idéia de que os fatores extrínsecos podem determinar de que forma o conceito de sexo feminino será exibido e desenvolvido no seio social.

Para ela, a mulher não teve, ao longo da história, a oportunidade de definir-se como mulher levando em consideração seus próprios anseios e necessidades. Pelo contrário, sempre teve suas vontades negligenciadas por outrem e por ela mesma em favor das necessidades dessa parte da humanidade que apresenta como a detentora do poder social.

No mesmo livro, a autora fala sobre o ‘Complexo de Castração’, que seria a frustração feminina por não possuir um pênis. Em sua análise, Beauvoir contesta esta proposição colocando que mesmo que esta descoberta se dê cedo ou tardiamente, as mulheres aceitam essa diferença anatômica de forma muito natural, não se constituindo nisso uma frustração, mas sim mais uma forma masculina de opressão aos gênero feminino. Dessa forma, o ‘Complexo de Castração’ citado por Beauvoir pode não se constituir na falta do pênis, mas na opressão.

Ainda dentro dessa análise, podemos buscar como exemplo de interferência externa na formação do feminino o que diz DEL PINO em relação ao modo como é produzida a idéia de casamento para este sexo:

“A aprendizagem, como acontece em todos os campos, é paulatina e adota atualmente formas indiretas, de modo que possa ser adquirida sem que sobrevenha uma possível subversão contra ela. Assim, por exemplo, um menor estímulo na questão da educação das filhas mulheres pode resultar num menor preparo intelectual e, como segunda consequência, levá-las fatalmente a encarar o casamento como ‘carreira’.”
DEL PINO (1987)

Por este exemplo, temos clara a evidência de que os comportamentos e conceitos que o sexo feminino apresenta em um determinado contexto social é resultado das influências recebidas deste, o que denuncia a forte dominação a que sempre foram submetidas as mulheres em favor de um outro sexo que se torna, dessa forma, dominante.

Ainda segundo DEL PINO, “o desempenho da ‘função de mulher’ serve, pois, para a permanência do sistema estabelecido” (p.65), atestando dessa forma a concepção de que o feminino não constituiu ao longo do tempo uma identidade isenta e autêntica, visto as várias interferências sofridas a fim de torná-lo identificável com modelos previamente estabelecidos.

E, ainda, podemos destacar como a libido feminina é compreendida pelo masculino no livro de Beauvoir. Segundo ela relata, o sexual em Freud é a aptidão intrínseca para animar o genital sendo a libido feminina considerada um desvio complexo da libido humana em geral, ao que ela contesta, evidenciando a influência opressiva do meio como manipuladora das formas de identificação do feminino. E ainda que, segundo Freud:

“É somente no momento da puberdade, em ligação com o erotismo vaginal, que se desenvolvem no corpo da mulher certas zonas exógenas. Dizer que na criança de dez anos os beijos e as carícias do pai têm ‘uma aptidão intrínseca’ para despertar o prazer clitoriano é uma asserção que na maioria dos casos não tem qualquer sentido.”(p.63)

Ao que que prontamente ela responde que :

“...não é a libido feminina que diviniza o pai; a mãe não é divinizada pelo desejo que inspira o filho. O fato de o desejo feminino voltar-se para um ser soberano dá-lhe um caráter original, mas a menina não é constitutiva de seu desejo, ela o sofre. A soberania do pai é um fato de ordem social e Freud malogra em explicá-lo; ele próprio

confessa que é impossível saber que a autoridade decidiu, em um momento da história, que o pai superaria a mãe, essa decisão representa, a seu ver, um progresso, mas cujas causas são ignoradas”(p.63)

A identificação social de gênero

“O objeto de nosso trabalho diz respeito à mulher, figura desprovida de qualquer significação nas abordagens históricas, já que seu ‘mundo de significações não emerge no plano público, pelo contrário, submerge no cotidiano, no privado, no imóvel, no local’ com a agravante de que a mulher focalizada é aquela dos segmentos populares que une às mazelas de sexo aquelas de classe, engrossando as fileiras daqueles que ‘vivem estórias mas não fazem a história.’” (SOIHET: 1)

Segundo Rachel Soieht , as análises de comportamento feminino sempre estiveram muito voltadas à reprodução de valores socialmente aceitáveis mas que se limitavam ao contexto privado, ou seja, as mulheres sempre foram analisadas segundo os comportamentos que apresentavam dentro de suas casas, nas relações que estabeleciam com os filhos e com o marido. É também de destaque da autora o exemplo da não interferência do Poder Judiciário, no contexto da época analisada (1890-1920) nos eventos de que participava a mulher visto sua característica particular. Ou seja, o feminino não existia para a sociedade a não ser como aquela criatura que pertencia apenas ao ambiente doméstico e que tinha como obrigação dele cuidar, apenas.

Pela fala da autora:

“Assim, o homem será julgado de acordo com sua maior ou menor adequação ao modelo do chamado ‘cidadão útil à sociedade’, sua dedicação ao trabalho, já que garantir a subsistência da família constitui seu dever principal, enquanto que a mulher, essencialmente, é julgada pela sua fidelidade, dedicação ao lar, aos filhos. Emerge daí uma imagem assimétrica da relação homem/mulher, reafirmando-se através da pesquisa a contribuição do judiciário para a manutenção dos valores dominantes, assim como de manutenção e perpetuação da desigualdade entre homens e mulheres na sociedade e a subordinação destas.”(p. 4)

A identificação feminina na obra literária para crianças e jovens

Segundo CÂNDIDO (2007), “...o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (p.55) e

“...a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, interferência, etc. A personagem vive o enredo e as idéias e os torna vivos.” (p.54)

Ou seja, é pela existência da personagem e de sua verossimilhança que a obra também existe, na medida em que sua existência deve ser considerada pelo leitor. Quanto mais houver identificação da personagem com o leitor, segundo o autor, melhor será a aceitação da obra, mesmo que seja baseada na ficionalidade.

Podemos visualizar essa perspectiva no que concerne à identidade feminina na obra para crianças e jovens sob duas óticas diferenciadas. Ou seja, podemos partir do quanto as personagens se caracterizam com a leitora, daí inferidos os diferentes contextos em que se desenvolvem ambas, ou, partindo da própria leitora, o quanto ela deseja se identificar com as personagens ficcionais ali existentes.

Entendemos nesse trabalho a primeira proposição como sendo a base mais eficiente de análise, na medida em que as personagens citadas participam de conflitos que são reais no cotidiano da maioria de suas prováveis leitoras, potencializando nesse momento o que diz ROSENFELD (2007) sobre o papel da ficção e da personagem desta, que é:

“...um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e objetar a sua própria situação.” (p.48)

Sapato de Salto (Lygia Bojunga Nunes)

A obra de Bojunga nos leva à intimidade da vida de uma menina de dez anos, Sabrina, que fora tirada de um orfanato por uma família que supostamente seria sua protetora mas que acaba se revelando ao longo da narrativa como sua mais terrível algoz.

Na convivência com essa família, Sabrina constrói para si a imagem de submissão de mulher, seja na realização das tarefas domésticas ou dos desejos sexuais do dono da casa, um homem muito mais velho que vê na menina uma fonte de prazer. Dessa forma, ela recebe do contexto social em que se insere as informações que a levarão a aceitar uma condição de inferioridade que limita a construção de uma personalidade isenta e segura.

No decorrer da narrativa, aparece a verdadeira família de Sabrina, na figura da Tia Inês e de sua avó, mulheres que também vão caracterizar, por seus comportamentos e conceitos, o que fora previamente determinado pelo contexto social masculino dominante. Neste contexto, Sabrina identifica-se com a antiga profissão da tia, a prostituição, na medida em que entende que sua libido e suas próprias vontades não têm valor algum diante das necessidades do homem.

Também encontramos outros personagens paralelos como os pertencentes à família de João Doria, que se tornará o melhor amigo de Sabrina, onde a mãe se torna um exemplo de tomada de consciência dessa condição de submissão feminina e luta contra ela.

Os Olhos de Ana Marta (Alice Vieira)

A obra de Alice Vieira traz a personagem Marta, que nascera em uma família que havia acabado de perder sua irmã, Ana Marta, mas que jamais superara esta perda.

Encontramos nesta família várias personagens femininas que, embora apresentem comportamentos peculiares em relação à suas nacionalidades, quer sejam portuguesas ou espanholas, podem ser identificadas com o ser feminino citado por Beauvoir em suas características universais.

A necessidade do casamento como função social única da mulher, a subserviência emocional feminina ao homem, entre outras características podem ser encontradas na narrativa, que também é permeada por fantásticas reflexões da menina sobre sua condição no seio da família.

Analisando essas duas obras tomando como base algumas das importantes reflexões que Simone de Beauvoir coloca em *O Segundo Sexo*, temos que:

“Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher ‘feminina’ é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.” (BEAUVOIR, 1967, vol. II, p.21)

Onde podemos observar o comportamento da personagem Pepa de OAM, quando esta se submete ao pretendente quando admite que ele a impeça de participar de um concurso de cantores, renegando, assim, sua identidade e permitindo-se identificar com o que era de vontade dele. Além disso, também podemos encontrar na fala de Beauvoir a personagem Sabrina de SS, ao assumir a identificação que lhe fora atribuída pelos contextos em que se inseria, sempre renegando sua essência indentitária.

“Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calçou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços.(...) ‘A libido é de maneira constante e regular de essência masculina, surja ela no homem ou na mulher’. Recusa-se a pôr a libido feminina em sua originalidade: êle a vê, por conseguinte, necessariamente como um desvio complexo da libido humana em geral” (BEAUVOIR, 1970, vol.I, p.60)

Neste texto, vemos o comportamento de Inês e Sabrina (SS) como consequência da ideia, difundida pela sociedade machista, de que a mulher não precisa ter prazer, mas deve proporcioná-lo aos homens, detentores de sua mais perfeita essência. A prostituição é colocada aí como uma das funções da mulher, com a qual as personagens se identificam.

“O DESTINO que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser.” (BEAUVOIR, vol. II, p.165)

Para o diálogo com este trecho podemos destacar dois excertos interessantes, um em cada obra analisada:

1. “Ou então a própria princesa (esbelta donzela, a voz de Leonor) a facilitar as coisas: deixava crescer as tranças, para, por elas, poder subir o filho de um lenhador (guarda florestal, pescador, camponês, aqui as opções de Leonor variavam, embora todas tivessem de se encaixar na designação geral dos ‘pobrezinhos mas honrados’) que finalmente quebrava o encanto e casava com ela.” (VIEIRA, p.80)

Neste, de *Os Olhos de Ana Marta*, vemos a confirmação do que diz Beauvoir, ou seja, a função precípua de ser esposa vem no fim da história narrada pela personagem quando a princesa recebe a 'honra' de se casar finalmente com o príncipe.

2. "...No dia em que você voltar a ser a Paloma que eu conheci...

_ Mas a Paloma que você conheceu é exatamente esta que você está vendo agora. A outra, que veio depois, foi uma Paloma fabricada para se ajustar a você." (BOJUNGA, p. 269)

Já aqui vemos a quebra do conceito citado na medida em que a personagem Paloma, mãe do melhor amigo de Sabrina e que vinha se sentindo há muito tempo insatisfeita com seu casamento resolve dar um basta a ele não se submetendo às chantagens do então marido.

Considerações finais

Podemos compreender, então, com base nas análises efetuadas até aqui, que as formas de identificação da ficcionalidade da obra literária para crianças e jovens com a realidade comprovável passa inevitavelmente pelos conceitos socialmente construídos e estabelecidos pelos sujeitos que dele participam.

No caso da identificação de gênero, evidencia-se o caráter de submissão e inferiorização a que foram submetidas as mulheres ao longo da história da própria civilização nas obras de literatura infanto-juvenil através do comportamento e das formas de identificação das personagens femininas. Porém, também já se pode observar algumas rupturas presentes nas obras, a fim de demonstrar o caráter de mutabilidade social, quer seja o desejado ou o já evidente.

De qualquer forma, entendemos como de suma importância que a análise de toda e qualquer obra ficcional deva se dar em consonância com aspectos reais, a fim de que se possa identificar sua verossimilhança, importante na consideração do fator que a torna essencial, a sua literariedade.

BIBLIOGRAFIA

BOJUNGA, Lygia. *Sapato de Salto*. RJ: Casa Lygia Bojunga, 2006.

CÂNDIDO, Antônio (et al.). *A personagem de ficção*. SP: Perspectiva, 2007.

DEL PINO, Carlos Castilha. *A 'função' de mulher*. SP: Martins Fontes, 1987.

FREUD, Sigmund (1916). *Instinto e suas vicissitudes*. Edição Standard Brasileira de Obras psicológicas Completas. Vol. XIV. RJ: Imago, 1996

VIEIRA, Alice. *Os Olhos de Ana Marta*. SP: SM Editora, 2005.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. RJ: Forense, 1989.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: vol I – fatos e mitos*.SP: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. *O Segundo Sexo: vol II – a experiência vivida*.SP: Difusão Européia do Livro, 1970.